

O PEQUENO RELATO DE JOUMANA HADDAD COMO RECURSO DESLEGITIMANTE DA TOTALIDADE DA HISTÓRIA

Patrícia Maria dos Santos Santana¹

RESUMO: “Assassina” confessa de Sherazade, Joumana Haddad discorre em seu livro sobre o peso do mencionado personagem literário não apenas nas mentes de mulheres e homens orientais, como também das pessoas do mundo ocidental. Desfazer as relações de subordinação feminina neste cenário de dominação é a proposta da autora que faz do pequeno relato uma forte fonte de transgressão e possibilidade de contar o outro lado da mesma história.

Palavras-chave: Mulheres; Estereótipos; Oriente Médio.

Joumana Haddad's short report as a non-legitimizing resource to the totality of history

ABSTRACT: Confessed murderer of Sherazade, Joumana Haddad discusses in her book the weight of the mentioned literary character not only in oriental women and men's minds, but also in people from the Western world. Undo the feminine subordination in this domination scenery is the proposal of the authoress who has the short narrative as a strong source of transgression and the possibility of telling the other side of the same history.

Key words: Women; Stereotypes; Middle East.

*A mulher não é vítima de um destino misterioso: ela não deve supor,
de alguma forma, que seus ovários a condenam a viver eternamente
de joelhos.*

Simone de Beauvoir

INTRODUÇÃO

Joumana Haddad nasceu em Beirute, no Líbano, em 06 de dezembro de 1970. É poeta, tradutora, jornalista e ativista dos direitos femininos. Tem sido lida em diversos idiomas e sua poesia vem sendo aclamada pelos críticos. A autora, que fala sete idiomas, também escreve seus livros em diversas línguas, além dos trabalhos que faz diretamente com a tradução de obras de outros autores. Desde fevereiro de 2012,

¹ Doutoranda em Literatura Comparada pela UFRJ. Bolsista Capes.

Haddad leciona na Universidade Americana de Beirute. É editora chefe da Revista *Jasad* (que significa ‘corpo’).

Certa vez, uma jornalista sueca acreditou estar elogiando a atitude de Haddad ao mencionar que não sabia como ela conseguiu publicar uma revista erótica em sua língua materna, referindo-se a sua revista *Jasad*. A escritora ficou bastante ofendida. Quando a sueca disse que no Ocidente não sabiam da existência de uma mulher árabe liberada como Haddad, a escritora foi radical em sua resposta dizendo que a jornalista deveria se atualizar e não exibir uma postura preconceituosa sobre o Oriente, em geral, e sobre a mulher árabe, de forma particular. Após esse incidente, Joumana Haddad começou a escrever procurando dar uma resposta social ao pensamento limitador e estereotipado ocidental que se fez presente nas palavras da entrevistadora sueca. O resultado de tudo isso foi o livro *Eu Matei Sherazade: Confissões de Uma Árabe Enfurecida*. Haddad visa desfazer preconceitos. Em diversas frases atrevidas e desafiadoras, ela resume o pensamento ocidental em relação às mulheres árabes para, em seguida, desfazê-lo. Conta sua vida, oferece elementos do real, ou seja, de sua própria história para compor uma nova consideração da generalizada do feminino no Oriente. Haddad é oriunda de uma família culta e conservadora e diz que se formou depois de muita leitura vinda da excelente biblioteca de seu pai. Leu *Justine - Os Infortúnios da Virtude*, do Marquês de Sade, com apenas 12 anos. Antes, a garota já tinha devorado *As Ilusões Perdidas* e ela mesma se pergunta como não naufragou no imenso abismo existente entre Balzac e Sade. Na prateleira libertina do pai colheu ainda Henry Miller e muitos autores árabes, que alternava com Flaubert, Hugo, Nabokov, Stendhal e Proust. Com tanta variedade e qualidade, a menina só podia mesmo criar um espírito livre.

O livro abre os nossos olhos, destrói preconceitos. A escrita audaciosa de Haddad cria uma espécie de perfil que discorre sobre o papel feminino na restritiva cultura árabe. Sherazade é colocada na berlinda. A suposta heroína feminina é desmascarada por Haddad que diz que a mesma nada faz pela mulher árabe e apenas reforça o velho jogo do trato social em todas as mil e uma noites que precisa negociar para continuar viva. A vida não é tida como um direito de todos ao longo do livro da contadora de histórias. A personagem Sherazade não traz nenhuma libertação ao indivíduo subalterno, no caso específico, à mulher, que pertence a esse jogo. Ao “matar” Sherazade, Joumana deixa clara a mensagem de que as mulheres não podem abrir

mão dos seus direitos básicos, assumindo papéis de vítimas. Elas precisam se rebelar contra essa postura manipuladora, deixando estereótipos para trás.

1. UMA ÁRABE ENFURECIDA

As Mil e Uma Noites (em árabe: *كتاب ألف ليلة وليلة*; transl.: *Kit b 'alf layla wa-layla*, "O Livro das Mil e Uma Noites") é uma coleção de histórias e contos populares originárias do Oriente Médio e do sul da Ásia, compiladas em língua árabe a partir do século IX. No Ocidente só foi amplamente conhecida a partir de uma tradução para o francês realizada em 1704 por Antoine Galland. As histórias que compõem as *Mil e uma noites* têm várias origens, incluindo o folclore indiano, persa e árabe.

No livro, Xariar, rei da Pérsia descobre que sua mulher é infiel, dormindo com um escravo cada vez que ele viaja. O rei, decepcionado e furioso, mata a mulher e o escravo, convencendo-se por este e outros casos de infidelidade que nenhuma mulher do mundo é digna de confiança. Decide então que, daquele momento em diante, dormirá com uma mulher diferente cada noite, mandando matá-la na manhã seguinte: desta forma não poderá ser traído nunca mais. Passam-se assim três anos durante os quais o rei desposou e sacrificou inúmeras moças, trazidas à sua presença pelo vizir. Certo dia, quando já quase não havia virgens no reino, uma das filhas do vizir, Sherazade, pediu para ser entregue como noiva ao rei, pois tinha uma estratégia para escapar do triste fim que alcançaram as moças anteriores. O vizir aceita depois de muita insistência da filha. Antes de ir, Sherazade diz à irmã, Duniazade, que lhe peça que conte uma história quando for chamada ao palácio do rei. Chegando à presença do rei, pede-lhe que permita a vinda de sua irmã, para despedir-se. O rei permite, Duniazade vem ao palácio e instala-se na câmara nupcial. Após o rei possuir Sherazade, Duniazade pede à irmã que conte uma história para passar o tempo. Após respeitosamente pedir a permissão do rei, Sherazade começa a contar a extraordinária "História do mercador e do gênio" mas, ao amanhecer, ela interrompe o relato, dizendo que continuará a narrativa na noite seguinte. O rei, curioso com o maravilhoso conto, não ordena sua execução para poder saber o final da história. Assim, repetindo sempre a estratégia, Sherazade consegue sobreviver noite após noite, contando histórias sobre os mais variados temas, desde o fantástico e o religioso até o heroico e o erótico. Ao fim de inúmeras noites e contos, Sherazade já havia tido três filhos do rei, e lhe suplica que a poupe, por amor às

crianças. O rei, que há muito havia se arrependido dos seus atos passados e se convencido da dignidade de Sherazade, perdoa-lhe a vida e faz dela sua rainha definitiva. Duniazade é feita esposa do irmão do rei, Xazamã.

Etimologicamente, Sherazade significa em árabe “filha da noite”. A noite é o contrário do dia que, de acordo com a visão do imaginário nos estudos de Durand é oposição pejorativa. A noite é breu, é falta de luz, é expressão de isolamento e de ausência. “Noite” é um símbolo relacionado às trevas. Para Durand (1997), a noite opõe-se ao regime diurno. A noite recolhe na sua substância maléfica todas as valorizações negativas precedentes. O autor fala que a noite é o dia no mundo dos mortos, sendo o mundo invertido dos vivos; que ela é um prólogo do dia, sendo “inefável e misteriosa”, um símbolo do inconsciente que possibilita que sentimentos antigos emergem para o coração, produzindo uma valorização do luto. A mulher, em sua visão social, não pertence ao regime diurno, mas, sim, ao regime noturno da imagem, um regime de trevas e morte por significar um ser dominado. O homem pertence à simbologia diurna, uma vez que é ser dominador. A mulher é o exemplo da dominação que a sociedade patriarcal exerce. Em um jogo eufêmico, Sherazade se prevalece das noites e de sua intrínseca insignificância de ser e existir para tentar salvar a própria vida. Acata a condição que lhe é imposta e sinaliza que não adianta fugir da dominação masculina. *As Mil e uma Noites* nos mostram o regime reducionista relacionado às imagens da noite e da morte, trazendo as marcas do regime noturno da imagem em seu aspecto místico e imagístico social.

Para as mulheres orientais, Sherazade representa uma espécie de mito, uma lutadora que conseguiu manipular seu algoz a favor de sua vida. Mas a vida é dádiva de Allah e nunca deve ser negociada, daí Joumana Haddad não analisar essa atitude de Sherazade com bons olhos. A cultura árabe é androcêntrica, impregnada de um pensamento filosófico, científico, religioso e político. Isto é uma questão marcada culturalmente ao longo dos anos. Desde a Antiguidade se faz sentir a desigualdade entre os sexos. No pensamento grego, a ordem e a razão estão associadas ao homem e a desordem e a irracionalidade à mulher (NOGUEIRA, 2001). Esta desigualdade fica baseada simplesmente nas diferenças biológicas, atribuindo características negativas à mulher, dando-lhe inferioridade. Em muitas culturas, esse pensamento arcaico e radical encontra-se radicalmente enraizado até hoje.

2. A MULHER ÁRABE CONTEMPORÂNEA: ENTRE OS ESTEREÓTIPOS E A REALIDADE

Segundo Soraya Smaili, diretora do Instituto da Cultura Árabe, em São Paulo, “é um mito pensar que toda mulher muçumana é oprimida”². Ela menciona que estas generalizações acontecem porque há um enorme desconhecimento sobre o que chamamos de mundo árabe. No ocidente, quando se fala da mulher árabe, muito se recorre à questão religiosa e há uma enorme tendência a querer imaginar a mulher árabe de forma idêntica à mulher ocidental. Com isso, o uso do véu causa estranheza profunda. A mulher árabe possui seus rituais e suas vestimentas. Em alguns países árabes, o véu significa identidade cultural e resistência. Em outros locais, não é uma obrigação e é tido mais como um adereço de moda. Segundo Soraya Smaili, “O véu, em muitos casos, diz respeito ao que esta mulher preza na educação que recebeu. Se ela foi criada naquele ambiente em que as pessoas utilizam o véu e têm respeito por isso, muito mais do que a religião, ela usará o véu em respeito ou como costume social e como afirmação de sua identidade de muçulmana”³. Os erros que existem são as generalizações. É errado considerar a existência de uma entidade monolítica chamada “mulher árabe”.

3. O ENFRENTAMENTO DE JOUMANA HADDAD

Entre os estereótipos dos países muçulmanos mais habituais no Ocidente encontram-se os relativos às mulheres do Oriente Médio: crédulas, cobertas com véus, submissas, exóticas e caladas, integrantes de haréns imaginários e encerradas em papéis de gênero muito rígidos. Na denominada “Primavera Árabe”, em seus manifestos que ocorrem desde 2010, as manifestantes não se pareciam absolutamente com esse estereótipo ocidental: estava na primeira linha da luta e no centro, nas imagens das notícias e nos fóruns do Facebook, inclusive assumindo atitudes de liderança. Mulheres acompanhadas, algumas acompanhadas de crianças, trabalhavam sem descanso para apoiar os protestos, contribuindo em atividades

² Disponível em <http://www.icarabe.org/noticias/o-veu-nao-cobre-o-pensamento> Acesso em 20 de outubro de 2013, às 23h.

³ *Id. ibid.*

de segurança, comunicações ou abrigo. As massas de mulheres implicadas nos protestos eram muito diversas do ponto de vista demográfico: muitas levavam lenços na cabeça e outros sinais de conservadorismo religioso, enquanto outras se deleitavam com a liberdade de beijar um amigo ou fumar um cigarro em público. O papel das mulheres no grande levante do Oriente Médio tem sido muito pouco analisado. As mulheres têm sido uma força destacada da evolução cultural que as tornou indispensáveis. Uma e outra vez, quando as mulheres travam as demais batalhas de seu tempo pela liberdade, passam a defender seus próprios direitos. E como o feminismo é uma prolongação lógica da democracia, os déspotas do Oriente Médio enfrentam uma situação na qual será quase impossível obrigar a estas mulheres que despertaram a deter a luta pela liberdade, a sua própria luta e a de suas comunidades.

Na autobiografia de Haddad, ou seja, no pequeno relato da autora, ela luta contra esse olhar do “outro”. São lutas diversas. Por hora, o “outro” em questão é a mulher ocidental, a “cara ocidental” (HADDAD, 2011, p. 13) com quem a autora dialoga em diversas páginas do livro, como forma de resposta direta à jornalista que subjugou Joumana Haddad e toda mulher oriental contemporânea em entrevista. Em outros momentos, o “outro” é justamente o homem muçulmano impregnado de uma visão reduzida e pejorativa do ser feminino. Em outras vezes até, o “outro” abordado e com quem luta, é a própria mulher oriental que, submissa, nada faz para mudar a situação em que se encontra.

As primeiras páginas da obra são cruciais para situar o leitor. No capítulo intitulado “Para começo de conversa...”, a autora nos diz:

embora eu seja a chamada “mulher árabe”, eu – e muitas outras como eu – uso o que tenho vontade de usar, vou aonde tenho vontade de ir e digo o que tenho vontade de dizer;

embora eu seja a chamada “mulher árabe”, eu – e muitas outras como eu – não uso véu, não fui subjugada, não sou analfabeta, nem oprimida e certamente não sou submissa;

embora eu seja a chamada “mulher árabe”, nenhum homem me proíbe – como não proíbe a muitas outras como eu – de dirigir um carro, nem de andar de motocicleta, nem de estar ao volante de um caminhão (aliás, nem de um avião!).

(...) Sim, parecemos muito com você e nossa vida não é assim tão diferente da sua. (p. 13-14)

A autora não fala apenas por ela. Ela faz questão de citar, a todo o momento, “eu – e muitas outras como eu”. Mostra que não é uma aberração dentre as demais. Mostra que outras mulheres revolucionárias fazem parte dessa história de mudança ou, pelo menos, de tentativa de mudança. Exemplos que soam estranhos para a maioria dos cidadãos ocidentais devido a um pensamento pré-moldado do mundo oriental que carregamos por conta do imaginário e da dominação social. A narrativa da autora reforça o pensamento defendido por Edward Said que vê “o Orientalismo como um estilo ocidental para dominar, reestruturar e ter autoridade sobre o Oriente” (SAID, 2007, p.29). O autor acrescenta que “se o Oriente pudesse representar a si mesmo, ele o faria; como não pode, a representação cumpre a tarefa para o Ocidente (...)” (*op.cit.*, p. 51). Com esforço sobre-humano de tentar desfazer equívocos seculares, Haddad escreve sobre a mulher árabe. Em nenhum momento, a autora não diz que não exista a mulher árabe condenada desde o berço a obedecer incondicionalmente aos homens da família (pai, irmão, marido, filho, etc.), que não existam mulheres sem permissão de pensar e falar, que não existam mulheres de rostos mascarados e invisíveis, que não existam mulheres ignoradas e humilhadas em seu país e no Oriente Médio. Não é isso. Haddad reconhece a existência delas. Mas o Oriente não é feito apenas dessas mulheres. Há mulheres como a própria Haddad e para essas mulheres ditas “diferentes” parece que o Ocidente ainda não está familiarizado. São mulheres que fazem parte da exceção e que não devem ser vistas como “anomalias”, forma como são encaradas todas as exceções:

Claro, nem todos os clichês são equivocados. Nem todos os truísmos são totalmente falsos. Essa mulher árabe realmente existe. Não só existe, para ser franca e cientificamente exata, infelizmente tenho de reconhecer que, hoje em dia, ela é cada vez mais o modelo predominante das mulheres árabes. (p. 23)

A autora aponta que isso se deve por culpa da falta de reação da própria mulher árabe, “pois é ela mesma sua maior inimiga” (p. 24).

De acordo com Jacques Derrida (1992), a literatura deve surgir como uma inquietação. O filósofo postula que a literatura é um lugar estranho onde se permite “dizer tudo”, “tudo” no sentido de totalidade e “tudo” no sentido de qualquer coisa, sem restrições. Ao mesmo tempo que a literatura é vista como uma instituição histórica que cria suas próprias convenções e regras e que, portanto, exerce seu poder, é uma instituição ambígua por quebrar suas próprias regras, rompê-las e desestabilizá-las,

devido à função crítica que desempenha. A literatura, segundo Derrida, é um paradoxo em si, pois a mesma liberdade de dizer tudo constitui uma arma política poderosa que pode se deixar neutralizar pela ficção. Atua como remédio e como veneno. Tudo vai depender da dosagem. Tudo vai depender de quem a administra ou é administrado pela mesma. A liberdade de dizer tudo, segundo Derrida, é uma arma poderosa que pode ser rapidamente neutralizada como ficção.

Quando menina, Joumana Haddad se aproveitou da vasta biblioteca que seu pai mantinha em casa, com obras clássicas da literatura ocidental escritas em francês, para saciar sua fome de conhecimento e aprendizagem:

Desde o começo de minha adolescência, nunca sonhei, como a maioria de minhas amigas, com Tom Cruise, ou Bruce Springsteen, ou Al Pacino, ou Johnny Hallyday, nem - acredite se quiser - com Robert de Niro. Eu sonhava apaixonadamente com Maiakovski, Pavese e Gibran. Com Dostoievski, Salinger e Éluard. Esses eram os estrangeiros que eu desejava e tecia fantasias (...). Minhas colegas de classe estavam famintas de ilusões; eu estava faminta de sonhos. (p. 29)

Eu adorava ler por muitas razões: eu lia para respirar; eu lia para viver (tanto a minha vida quanto a dos outros); eu lia para viajar para longe; eu lia para fugir da realidade brutal; eu lia para abafar as explosões da guerra libanesa; eu lia para ignorar os gritos dos meus pais e seus sofrimentos; suas brigas diárias; eu lia para alimentar minha ambição; eu lia para acumular forças; eu lia para afagar minha alma; eu lia para espancar minha alma; eu lia para aprender; eu lia para compreender; eu lia para ter esperanças; eu lia para planejar; eu lia para acreditar; eu lia para amar; eu lia para desejar, ansiar, querer...
E lia principalmente para ter condições de cumprir a promessa que fizera a mim mesma de que um dia a minha vida seria diferente (...) (p. 31)

Derrida (1992) afirma que a literatura tem uma função crítica, de certa forma para estabelecer a ela uma missão. A literatura possui uma força desestabilizadora em sua liberdade, irrestrita e inalienável. Sua suposta irresponsabilidade, com a sua liberdade de dizer qualquer coisa sobre tudo, vem incidir diretamente sobre o processo de formação de todo discurso que encobre a força do talvez que lhe antecede e reivindica para si uma autoridade sobre aquilo a que se refere. Não que a literatura venha abolir a referência num desejo alucinante, autista e desmedido de produzir relatos, mas sim a pretensa autoridade e verdade inabaláveis de toda estrutura referencial. Sem o poder e a vontade de dizer a verdade, ela é acaba se tornando

também tudo o que há no mundo, preservando, mais do que qualquer outra instituição, a estrutura da promessa, do novo, do outro, enfim, do porvir. A garota que lia Sade aos 12 anos diz no livro:

O marquês de fato me libertou naquele dia de algumas de minhas algemas mentais. E, depois dele, outros escritores que escreviam tão maravilhosamente bem, tão desafiadora e tão insolentemente quanto ele também me libertaram. Em síntese: corrompi-me. E não tinha volta. (p. 34)

Anos mais tarde, tanta ousadia serviu de inspiração para as suas próprias composições:

A primeira vez que eu usei a palavra pênis num poema, eu devia ter 25 ou 26 anos. Meu pai o leu (...) e não conseguiu deixar de ficar horrorizado.

- Como você pode escrever uma atrocidade dessas e publicá-la com seu verdadeiro nome? – protestou ele. Seu tom de voz estava em algum ponto entre a incredulidade e a indignação. – Será que não dava para ter usado a palavra ‘coluna’ em vez disso?

- Bom, pai – respondi –, para falar a verdade, já estou farta de colunas, pilares, canos, espadas, mangueiras e toda aquela orquestra infinita de metáforas fálicas. Estou escrevendo um poema em prova sobre o pênis para uma revista de poesia e quero chamá-lo pelo nome. Só isso (...) (p. 55-56)

Em diversas páginas de seu livro, ela discorre sobre os problemas de ser uma escritora em um país onde a mulher não tem direito de expressão:

Ser mulher e escritora num país árabe significa, claro, sofrer “blecautes” e ser subestimada, e ser marginalizada, quer de forma sistemática, por homens e mulheres, ou por ambos.

Ser mulher e escritora num país árabe significa que você precisa ser bem esperta e escorregadia, mostrar um pouco aqui e mascarar um pouco ali.

Ser mulher e escritora num país árabe significa, para muitas – mas não para todas, felizmente – escrever em um código, de modo que, por exemplo, um amante torna-se “um bom amigo” e um pai estuprador seria o pai “da menina que mora ao lado”.

Ser mulher e escritora num país árabe significa enfrentar muitas vezes a desconfiança insultante de que há um homem por trás de você que escreve o que você publica com seu nome.

Ser escritora e mulher num país árabe significa impor a si mesma uma autocensura rigorosa, mil vezes pior do que qualquer censura oficial de fora.

Ser mulher e escritora num país árabe significa planejar meticulosamente e movimentar-se com astúcia nos círculos sociais certos, bem-vestida e cheia de palavras doces. (p.63)

Contudo, mais adiante, Haddad se posiciona quanto à própria atuação no mercado literário árabe: Quanto a ser mulher e escritora que escreve **sem fazer concessões** num país árabe, isso significa ser, para coroar, atrevida, rude e corajosa. Significa estar preparada para enfrentar “o escândalo”. (grifo nosso, p. 64)

Sempre disposta a romper as barreiras, Joumana Haddad decide fundar a *Jasad* (Corpo) em 2006, uma revista cultural que fala sobre erotismo e assuntos considerados tabus pela sociedade árabe. Ela queria algo “diferente, forte e necessário” (p. 70). Logo uma legião de pessoas “bem-intencionadas” apareceram para passar sermão, grande parte por e-mail e telefone, chamando-a de “imoral, dissoluta, antiética, pecadora, debochada, corrupta, corruptora, depravada, decadente, criminosa, perversa, inescrupulosa, desonesta e anormal” (p.71).

E também ouvi frases venenosas e ameaçadoras do tipo: “Você merece morrer apedrejada” “Você vai torrar no inferno” “ Você deveria ter vergonha na cara” “Como se atreve? Você está corrompendo nossa juventude” “Deus vai te castigar” “Cuspimos na tua cara” “Rezamos para que alguém jogue ácido em você...” (esta última, reconheço, foi causa de pesadelos aterrorizantes por duas semanas consecutivas). (p. 71)

E sem perder o tom irônico que mantém em sua fala ao longo do livro, a autora completa: “Se estivéssemos vivendo na era da caça às bruxas, eu muito certamente seria estrangulada, esfaqueada, enforcada, queimada e afogada, **tudo ao mesmo tempo**”. (grifo nosso, p. 72)

Apesar de o mundo criar seus estereótipos em relação aos árabes e ao Oriente, de forma geral, Joumana Haddad sinaliza que as mulheres de seu país são como, nesse exato momento da história na contemporaneidade, “equilibristas numa corda” (p.120). Não cabe mais guardar o pensamento arcaico de mulheres exclusivamente submissas em um país onde muitas lutam por uma transformação e que também fazem parte de uma nova concepção de mulher pertencente ao Oriente Médio. Contra os ventos ditatoriais da submissão, ela nos conta:

Apesar disso, cá estou; cá estamos. Mulheres árabes que “abrem a boca”.
Mulheres árabes que se defendem da maré.
Mulheres árabes que não toleram certas coisas, nem poupam outras.
Mulheres árabes que dizem NÃO.

Mulheres árabes, em síntese, que tentam transpor o abismo. (p. 120-121)

Todavia, a estudiosa Gayatri Spivak (1995) aponta que por mais que se tente mostrar através da literatura (ou do que quer que seja) uma espécie de voz do reprimido, como uma voz do subalterno, essa possibilidade de libertação jamais ocorrerá. No contexto da produção colonial, explica Spivak, o subalterno, no nosso caso aqui, a mulher, não pode falar porque não tem história real para contar, uma vez que a sua própria história não é, de fato, sua, sendo criada pelo dominador. No problema relacionado ao gênero feminino, a sombra é ainda pior, pois quem irá ouvir esse clamor está inserido em um contexto social cheio de vícios. A fala por si só não será suficiente para fazer um alerta se as cabeças que escutam são formadas de acordo com a lógica dominante.

Mesmo assim, Haddad faz a sua parte na tentativa de mudar a história.

4. A MORTE SIMBÓLICA DE DEUS PARA NIETZSCHE E DE SHERAZADE PARA HADDAD: VEREDAS

Muito se discute sobre a existência de Deus no Ocidente. Para alguns, "Deus" é um conceito inventado pelos homens, principalmente para explicar a salvação, ou seja, a vida após a morte. A expressão "Deus está morto" ("Gott ist tot" em alemão) é uma frase muito citada pelo filósofo Friedrich Nietzsche (1844-1900). A frase aparece pela primeira vez em *A Gaia Ciência*, na seção 108 (Novas lutas), na seção 125 (O louco) e uma terceira vez na seção 343 (Sentido da nossa alegria). Outro momento importante e grande responsável por sua popularidade está na principal obra de Nietzsche, *Assim falou Zaratustra*. O pensamento apoia-se na ideia de que o homem consegue se sustentar pela razão e não precisa mais de uma salvação externa a si mesmo. Se Deus está morto significa que a razão e a inteligência podem tornar as pessoas felizes, não precisando de um dogma, uma fé que não pode ser explicada para alcançar a felicidade.

A morte de Deus metaforiza o fato de os homens não mais serem capazes de crer numa ordenação cósmica transcendente, o que os levaria a uma rejeição dos valores absolutos e à descrença em quaisquer valores. Isso conduziria ao niilismo. A morte de Deus abriria caminho para novas possibilidades. A pós-modernidade é a época das variadas maneiras de ver o mundo, de várias formas de conceber a verdade.

A obra fala dessa relação servil de muitas mulheres conterrâneas de Haddad. Enfatiza o caminho diferente que a autora procurou seguir para não morrer da mesma forma que as mulheres árabes estão dispostas a morrer. Aos olhos da autora, a vergonha de um grupo, enquanto ela mesma luta por sua dignidade. A luta da heroína no meio de renegadas. É assim que a autora decide matar Sherazade. É justamente por não haver espaço para as duas no mundo árabe. Para não morrer como ser, Haddad prefere matar. O livro representa a luta por novos valores sociais e por uma ética social mais justa. A sociedade cumpre o seu papel de mantenedora da ordem vigente, destruindo toda e qualquer tentativa de invasão cultural, mesmo que esta *ordem* não seja tão eficiente, ela se impõe. Para Edgar Morin, “a afirmação da individualidade, se constrói por meio das participações” (1970, p.91), e Joumana Haddad tenta fazer a sua participação, pequena, porém significativa, dentro de seu mundo opressor. Sherazade faz parte do mundo da opressão, uma vez que não vislumbrou nenhuma possibilidade de fugir da mesmice que é a submissão das mulheres orientais perante a sociedade patriarcal. Sherazade não mata, não conspira, não cria uma revolução: ela apenas negocia a própria vida, ou seja, negocia algo que já é seu por direito. Haddad procura desconstruir o mito de Sherazade que, na visão de muitos pesquisadores orientalistas, representa a heroína do Oriente. Morin analisa que “por intermédio do mito há um movimento de apropriação do mundo, de redução do universo a dados inteligíveis pelo homem” (1970, p.91). Decompor este mito é desapropriar o homem de seu mundo e seus valores. Haddad fala de novos significados de vida, atuando contra a submissão e domesticação feminina.

Ela procura matar o mito. Ela procura se afirmar sobre esse mesmo mito. “Para a consciência, o mito representa a imagem de uma conduta para a qual ela se sente solicitada” (Morin, 1970, p.90).

A morte é o rompimento. Ao matar Sherazade, Haddad rompe com um passado e um presente assombrosos. Se em Nietzsche, a morte de Deus, ou seja, a morte do mito que a todos rege, implica na possibilidade de uma vida onde o próprio homem está por si mesmo, por sua vez, em Haddad, a morte de Sherazade implica no rompimento com o estereótipo dominador do mito, que modela as mentes e o imaginário social do Oriente Médio. A investigação sobre o conceito de morte simbólica poderá dar mais um passo à frente, quando for compreendida a concepção dialética da vida. Sobre uma Sherazade já “morta” para a própria autora, Haddad nos diz:

Nunca fui muito fã de Sherazade. Sei que sendo uma mulher árabe e tudo isso, eu devia ter “admiração” por ela, ou ao menos apoiá-la. Mas não é o caso.

(...)

Sherazade é constantemente exaltada em nossa cultura por ser uma mulher instruída, engenhosa e de imaginação fértil, e inteligente ao ponto de salvar a própria vida subornando “o homem” com suas histórias intermináveis. Mas eu nunca gostei realmente desse lance de “subornar o homem”. Em primeiro lugar, acredito que envia às mulheres a mensagem errada: “Persuada os homens, dê a eles as copias que vocês têm e que eles querem, pois assim eles a pouparão.” Corrija-me se eu estiver errada, mas parece óbvio que esse método coloca o homem numa posição de onipotência e a mulher, numa posição contemporizadora, inferior. Não ensina às mulheres resistência e rebeldia, como fica implícito quando o caráter de Sherazade é discutido e analisado. Ensina-lhes, isso sim, a fazer concessões e negociações sobre seus DIREITOS básicos. Convenças de que agradar o homem, seja com uma história, uma bela refeição, um par de seios de silicone, uma boa trepada ou o que for é a maneira de “dar certo” na vida.

(...)

É isso que é considerado resistência? (p. 127-128)

Da Sherazade “venerada de forma nauseante pelos orientalistas” (p. 128), Joumana Haddad se aproveita para constituir seu discurso reivindicatório de uma nova concepção de mulher oriental. Da “morte”, ela retira a vida, ou melhor, ela recria a sua vida: “Eu matei Sherazade. Estrangulei-a com minhas próprias mãos. Alguém teria de fazer isso, um dia” (p.130). Ao mostrar os motivos, Haddad usa a ironia como elemento de desconstrução dos fatores sociais, justamente ao usar todos os fatores que corroboram uma visão manipulada da mulher árabe:

Eu matei Sherazade, mas não posso ficar com todos os créditos. Muitos cúmplices me ajudaram a cometer esse crime (...)

Eu matei Sherazade com as mãos de todos os homens que tentaram, de formas diferentes e sob várias máscaras, cortar a minha garganta;

Eu matei Sherazade com as mãos de todas as mulheres que tentaram de formas diferentes e sob várias máscaras, me fazer acreditar que é CERTO minha garganta ser cortada por um homem;

Eu matei Sherazade com as mãos de todos os homens e mulheres que desejaram que eu renunciasse a uma parte de mim mesma para que minha garganta fosse poupada;

(...) Eu matei Sherazade com as mãos de minha mãe, que não queria que eu tivesse a mesma vida que ela, e que deixou isso claro – e possível – desde o começo;

(...) Eu matei Sherazade com as mãos do professor de matemática da quarta série que queria me convencer que os meninos têm jeito para matemática e as meninas, para a cozinha;

(...) Sim, eu matei Sherazade. Eu a matei em mim. E estou completamente decidida a matar tudo e todos que, mesmo remotamente, me lembrem ou se pareçam com ela em meu inconsciente, imaginação e mente (...) Pois há uma mulher árabe insubmissa em mim. Ela tem suas próprias histórias, cuja moral não é a negociação, ela tem sua liberdade e sua vida, que não lhe foram concedidas por ninguém. (p. 129-132)

A ironia é entendida por Hutcheon (2000) como uma estratégia discursiva, vinculada à percepção de um leitor, mas que também pode ser entendida como um procedimento que suscita, por sua natureza avaliativa, dúvida e transideológica, respostas emocionais de adesão ou não adesão por parte de quem lê. Para Hutcheon, a questão da ironia será sempre uma cena social e política. Desse jeito, Haddad formula, postula, desfaz, recria, inventa e desinventa o que anuncia em sua obra. Fala com propriedade para depois deixar transparecer que tudo aquilo que é dito soa como uma grande brincadeira. Assim, “a ironia remove a certeza de que as palavras signifiquem apenas o que elas dizem” (HUTCHEON, 2000, p. 32). Logicamente não há o assassinato de uma personagem literária, uma vez que Sherazade não morre pois sequer existe, mas há a vontade de ultrapassar esses limites de aceitação dos cidadãos da face da Terra à uma mulher que representa todas as mulheres árabes em sua cultura e submissão. Há ressentimentos e não há, ao mesmo tempo. Na ironia fina de Haddad tenta-se criar o desfazimento de olhares bitolados de forma irreverente. O discurso irônico aparece como estratégia desconstrutora de verdades pré-estabelecidas porque “[...] aponta, muitas vezes, para a natureza necessariamente contraditória, processual e incompleta dos assuntos históricos” (EAGLETON, 1986 *apud* HUTCHEON, 2000, p. 52).

A ironia de Haddad é, de fato, uma proposta transgressora. Foucault descreve um movimento inerente ao sujeito ao qual chamou de jogo do limite e da transgressão, onde articula a linguagem nesse contexto. Conforme o autor, a transgressão é um gesto relativo ao limite, onde limite e transgressão articulam um jogo. A transgressão transpõe uma linha que se fecha imediatamente, apresentando-se como aparentemente intransponível. Contudo, esse movimento não cessa, recomeçando infinitamente. Para Foucault

O limite e a transgressão devem um ao outro a densidade de seu ser: inexistência de um limite que não poderia ser absolutamente transposto; vaidade em troca de uma transgressão que só transporia um limite de ilusão ou de sombra. (FOUCAULT, 2001, p.32)

O limite, para o autor, não é uma verdade, mas uma ilusão construída sobre um vazio. O limite de que se trata é da ordem do que se abre para o ilimitado. Num movimento de pura violência, a transgressão faz ultrapassar o limite.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“As histórias só acontecem com quem é capaz de contá-las”, assim Paul Auster é citado na página 16 do livro de Joumana Haddad. Isto não é em vão. Haddad se aproveita do recurso do pequeno relato aliado às questões pessoais que motivaram a autora a escrever a sua autobiografia para ser capaz de falar tudo, com todas as palavras e vírgulas necessárias. Ela é o exemplo vivo de mulheres ativistas presentes na comunidade árabe que lutam por uma sociedade mais justa e digna às mulheres de seu país. Sem medo de abrir a boca e narrar a sua vida em suas dificuldades por escrever e por ter sido a primeira mulher a ter uma revista feminina voltada às questões erótica na Arábia Saudita. Usa o livro para desfazer as visões totalizantes e resumidas da história. A visão de quem domina e acredita, por bem ou por mal, serem as certas para se levar em consideração. Em sua pequena narrativa ela irá desconstruir a ideia de que toda mulher árabe é submissa, dominada e dona de uma mente dominada pela lavagem cerebral. A legitimação de sua narrativa se dá por conta da sua história de vida. Seu pequeno relato na condição pós-moderna e pós-estruturalista rebela-se contra as ditas “verdades imutáveis” das metanarrativas. É uma gota no imenso oceano de possibilidades em transformações. Seu enfrentamento cabe na Nova História e na nova forma de fazer literatura que retoma os estudos históricos e questiona as nossas crenças oriundas de passado fixo e determinado e que compromete a representação histórica em si. Decide “matar” Sherazade e tantas outras Sherazades que existem por aí para despir-se de uma estrutura social pré-estabelecida que visa manter as regras vigentes. Joumana Haddad mata com alegria. Ela mata com fervor. E, por conta do mais puro instinto de preservação, ela mata para não morrer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMÂNCIO, Ligia. “Sexismo e racismo - dois exemplos de exclusão do outro”. In: Paulo César, SEIXAS (Org.). *Nós e os Outros: a exclusão em Portugal e na Europa*. Porto: SPAE, 1998.

AS MIL E UMA NOITES. Trad. Alberto Diniz. São Paulo: Edigraf, s/d.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: A experiência vivida*. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

DERRIDA, Jacques. *Acts of Literature: This Strange Institution Called Literature*. New York and London: Routledge, 1992.

DURAND, Gilbert. *As Estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arqueologia geral*. Trad. de Hélder Godinho. SP: Martins Fontes, 1997.

FOUCAULT, Michel. “Prefácio à Transgressão”. In: *Ditos e Escritos*. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

HADDAD, Joumana. *Eu matei Sherazade: confissões de uma árabe enfurecida*. Trad. Dinah de Abreu Azevedo. Rio de Janeiro: Record, 2011.

HUTCHEON, Linda. *Teoria e política da ironia*. Trad. de Julio Jeha. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

MORIN, Edgar. *O homem e a morte*. Trad. João Guerreiro e Adelino dos Santos Rodrigues. Rio de Janeiro: Imago, 1970.

NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. *Assim falou Zaratustra*. Trad. Alex Marins. São Paulo: Martin Claret, 2004.

NOGUEIRA, Conceição. *Um novo olhar sobre as relações sociais de gênero: Feminismo e perspectivas críticas na psicologia social*. Braga: Fundação Calouste Gulbenkian 2001.

SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SPIVAK, Gayatri. “Can the Subaltern Speak?” In: ASHCROFT, Bill; GRIFFITH, Gareth & TIFFIN, Helen. *The Postcolonial studies reader*. Routledge: London, 1995.

Recebido em 6 de março de 2014.

Aceito em 12 de abril de 2014.